

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E DISCRIMINAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES NO MERCADO DE TRABALHO DE FEIRA DE SANTANA, COM FOCO PARA ESTRUTURAÇÃO DO “MERCADO INFORMAL”

Joice da Silva Santana¹; Nilo Rosa dos Santos²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: jossantana89@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: nilorosasantos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: discriminação, afrodescendentes, mercado informal

INTRODUÇÃO

A discriminação dos Afrodescendentes e sua influência na formação do mercado de trabalho brasileiro têm raízes bem antigas. Estas foram fincadas no período de transição do escravismo para o trabalho livre e trazem consigo a existência da precariedade, do subemprego e da informalidade. Assim, pode-se dizer que o mercado de trabalho nacional nasceu dentro de um ambiente de exclusão para com uma parte significativa ou outrora central da força de trabalho, criando condições para que se consolidasse a existência de um excedente estrutural de trabalhadores que hoje formam a grande parcela do “setor informal”.

Mesmo diante das modernizações e dos crescimentos econômicos, estereótipos e preconceitos persistem e continuam atuantes na sociedade brasileira, intervindo no processo de competição social e de acesso às oportunidades, restringindo o lugar social de muitos negros. A discriminação opera como um mecanismo de desqualificação dos não-brancos na competição pelas posições mais almejadas. Segundo SANTOS (1998), as barreiras à inserção produtiva dos negros são expressas nas elevadas taxas de desemprego e na sua presença desproporcional nas situações mais precárias de trabalho. Nesse respeito, os avanços construídos não foram suficientes para que os afro-descendentes deixassem de sofrer tais danos. Assim, o mercado de trabalho é, nesse sentido, um local privilegiado para análise das desigualdades que podemos observar na sociedade brasileira.

No entanto, embora haja uma forte evidência, parece existir certa resistência a reconhecer as desigualdades de gênero e particularmente, de raça. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo refletir sobre alguns fatores que estão por detrás da construção social da discriminação e sobre a expressão que esta adquire no mercado de trabalho brasileiro, em especial, o mercado de Feira de Santana, pois a maioria da sua população é afrodescendente e boa parte deste contingente encontra-se no mercado informal.

Portanto, analisaremos de maneira mais ampla a estruturação do mercado informal, tendo como ponto de partida a discriminação sofrida pelos negros no mercado de trabalho, as características sócio-econômicas de Feira de Santana e a relação da “economia informal” com a dominação política e econômica que estão submetidos os trabalhadores desse setor.

METODOLOGIA

Recorremos a fonte primordial da pesquisa, a bibliográfica, para fazer um levantamento dos estudos já produzidos sobre o tema estudado e posteriormente

realizamos uma leitura analítica das obras citadas. Após esse levantamento e leitura, os estudos foram organizados sistematicamente.

Esta pesquisa está estruturada a partir da revisão bibliográfica de livros, artigos, dissertações e outras fontes que abordam o tema da pesquisa. Compõe-se também de uma análise de dados secundários fornecidos pelo IPEA, IBGE, SEI, PED, etc, que contribuíram grandemente para a maior exatidão e precisão da pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

As raízes da discriminação dos afrodescendentes, que assim como outros fatores impedem o desenvolvimento brasileiro são datadas de longos anos. Durante os últimos 20 anos, políticas orientadas para a redistribuição do acesso a recursos e que visem a igualdade tem estado, em geral, ausentes da agenda nacional. As desigualdades sociais e econômicas entre classes e grupos têm crescido e alcançado níveis obscenos, prova de que, no Brasil, o crescimento vem primeiro e a justiça social depois.

O crescimento econômico experimentado pelo Brasil nestes últimos cem anos foi um dos mais significativos dos países do Ocidente. No entanto, temos um entrave central: este crescimento não beneficiou a todos os brasileiros por igual, tampouco beneficiou igualmente as regiões brasileiras. Isso significa que, pode ter havido, sem dúvida, crescimento econômico, mas este não esteve acompanhado de desenvolvimento. Segundo Nilo Rosa, esse “crescimento excludente”, ligado ao não desenvolvimento social, culmina em trabalhadores afro-brasileiros, ocupando espaços na economia informal, na criminalidade ou nas atividades que requerem apenas talento individual.

As imensas desigualdades socioeconômicas entre brancos e negros, que vemos hoje, nada mais são do que o resultado das desvantagens geradas pelo regime escravista, transmitidas através das gerações e mantidas por mais um século de preconceito e de discriminação racial após a abolição. Conforme analisado na pesquisa, no que tange ao mercado de trabalho, os Afrodescendentes apresentam a maior taxa de desemprego e o menor grau de formalização, e dentro da informalidade estão mais presentes no trabalho extremamente precarizado do que nos negócios que possibilitam uma relativa prosperidade.

A cidade de Feira de Santana nos permite analisar algumas peculiaridades nesse sentido. O seu comércio não comporta a demanda populacional no que se refere aos empregos formais. Dessa forma, muitos indivíduos e famílias encontram formas precárias de sustento na informalidade. O trabalho informal no comércio é uma das principais fontes geradoras de emprego, observa-se isso tanto no número de empresas, que representam 54,4% (SEBRAE/UEFS, Lima 2002) quanto no número de trabalhadores sem carteira assinada que representam 69,8%. A expansão do setor informal no município pode ser observada através da proliferação do sistema de feiras livres, camelôs, barraqueiros, vendedores ambulantes etc, pertencentes à realidade feirense.

Segundo Nascimento (1996), em Feira de Santana a maior taxa de desemprego está entre os afro-brasileiros. No setor informal não é diferente. O percentual de negros é superior ao verificado no setor formal. Segundo a autora, nesse período, observa-se que 23,2% dos negros estão no setor formal e que a grande maioria (76,8%) encontra-se no setor informal do mercado de trabalho feirense. Isso comprova que os negros continuam como maioria nos setores marginalizados da sociedade e isso não é diferente no mercado de trabalho de Feira de Santana. É grande a dimensão do trabalho informal e ainda maior o contingente de negros e negras que trabalham nesse setor, sabidamente os indivíduos em situação mais vulnerável no mercado de trabalho. Esse fato implica na afirmação de que o mercado de trabalho feirense,

assim como o mercado de trabalho brasileiro, encontra-se “eticamente marcado” ao longo de anos.

Portanto, o processo de desenvolvimento da economia brasileira não tem sido capaz de gerar trabalhos de “qualidade” para parcela significativa dos trabalhadores, assim como não tem conseguido propiciar uma redução expressiva da informalidade, que ainda hoje continua em patamar elevado, apesar dos recentes resultados positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado de trabalho brasileiro repetindo o funcionamento da sociedade brasileira mantém um regime de discriminação étnica. Em alguns momentos, temos a falsa impressão da redução da discriminação, mas o que ocorre é que a discriminação racial assumiu novas formas sutis e camufladas de expressão, fazendo de fato, parte da nossa sociedade.

O desenvolvimento econômico é função principal das liberdades individuais. Sem estas, pode haver crescimento, mas não haverá desenvolvimento, pois este é consequência do crescimento do potencial humano só conseguido quando o individuo pode dispor de todos os direitos e conquistas sociais da modernidade. Sendo a discriminação uma restrição às liberdades individuais, concluímos que o desenvolvimento social torna-se impossível.

Não há dúvidas de que uma parte importante dos fatores que impedem a melhoria das condições de vida e oportunidade dos negros se encontra ofertada em padrões limitados e insuficientes devido à “naturalização social” da condição subordinada dessa população. Sendo assim, esse é um aspecto que deve ser levado em conta nos processos de formulação, implementação e avaliação das políticas públicas em geral, e, em particular, da inclusão social. Ao passo que se tem um maior aprofundamento de tal análise, fica claro que faltam oportunidades para que os afrodescendentes possam ter os pré-requisitos exigidos pelo mercado de trabalho. Portanto, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas sociais afirmativas que busquem medidas para fomentar uma maior igualdade entre os diferentes trabalhadores e evitar a discriminação no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABREU A., FILGUEIRAS J., SORJ, B.(1994). **Desigualdade de Gênero e Raça no Brasil em 1990.**

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. **Geração e reprodução da desigualdade de renda no Brasil. Perspectivas da Economia Brasileira - 1994.** Rio de Janeiro: Ipea, 1993.

_____. **Os determinantes da desigualdade no Brasil. A Economia Brasileira em Perspectiva - 1996.** Rio de Janeiro: Ipea, v. 2, 1996. p. 421-474.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Desenvolvimento e crise no Brasil 1930-1983.** Ed. Petropolis: Brasiliense, 1972.

CACCIAMALI, M.C., FERNANDES, R. **Distribuição dos trabalhadores e diferenciais de salários entre os mercados de trabalho regulamentado e não-regulamentado.** Pesquisa de Planejamento Econômico, Rio de Janeiro: IPEA, 1992

FAGUNDES, M.E.M. **Informalidade na Região Metropolitana de Salvador: um estudo exploratório.** (Dissertação de Mestrado) Salvador: UFBA, 1992

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

HIRATA, H. S. **Divisão sexual do trabalho: novas tendências e problemas atuais**. In: FUNDAÇÃO SEADE. **Gênero no mundo do trabalho**. São Paulo: Ellus, 2000.

NASCIMENTO, Carla Janira Souza. **Caracterização das Relações Formais e Informais no Mercado de Trabalho de Feira de Santana**. (Dissertação de Mestrado) Salvador: UFBA, 1996

SANTOS, Nilo Rosa. **Mercado Informal e Etnia**. Salvador: CRAES, 2000.

SANTOS, Nilo Rosa. **Sindicato, Poder e Alteridade : o "Outro" nas relações políticas"**. Salvador : CRAES, 2004

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

VALENZUELA, María Elena. **Igualdade de oportunidades e discriminação de raça e gênero no mercado de trabalho**. Organização de Brasília: OIT e MTE; São Paulo, 1999